

**Agregados domésticos na paróquia da Sé de Angra no século XVIII.
Uma abordagem a partir dos registos paroquiais e dos róis de
confessados¹.**

Maria Hermínia Morais Mesquita²

José Guilherme Reis Leite³

¹ Investigação desenvolvida no âmbito do projeto "Espaços urbanos: dinâmicas demográficas e sociais (séculos XVII-XX)", com referência FCT PTDC/HIS-HIS/099228/2008, co-financiado pelo orçamento do programa COMPETE – Programa Operacional Factores de Competitividade na sua componente FEDER e pelo orçamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia na sua componente OE.

² Investigadora do Grupo de História das Populações do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM), Universidade do Porto - Universidade do Minho. E-mail: hermimesquita@sapo.pt

³ Investigador do Grupo de História das Populações do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM), Universidade do Porto - Universidade do Minho. E-mail: guilhermereisleite@gmail.com

Agregados domésticos na paróquia da Sé de Angra no século XVIII. Uma abordagem a partir dos róis de confessados⁴.

Resumo

Angra, na Ilha Terceira, do Arquipélago dos Açores, era, no século XVIII, uma das mais importantes cidades portuguesas. Sede do bispado, criado no século XVI para os Açores, acolhia também as autoridades que actuavam no arquipélago, em representação do poder régio.

A cidade integrava cinco paróquias – Sé, Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia, São Pedro e, extramuros, São Bento. A freguesia da Sé era das cinco paróquias de Angra a mais populosa e aquela que se apresentava mais urbana.

Estamos a finalizar a sua reconstituição para o século XVIII, seguindo o já consagrado método da reconstituição de paróquias (AMORIM, 1991). Para esta freguesia existem Róis de Confessados que cobrem a centúria de setecentos, desde finais da década de vinte.

Partindo da exploração dos róis de confessados, com o propósito de fazer um estudo dos agregados domésticos, de conhecer as estruturas familiares predominantes na freguesia da Sé, procuramos também, usando a informação de carácter sócio-profissional, determinar os sectores de actividade em que mais se ocupavam os seus fregueses e qual o peso dos titulares no conjunto desta população. Para fazer um enquadramento demográfico genérico, recorreremos ainda aos registos paroquiais de baptismo e óbito.

Palavras -chave:

Agregado doméstico; Agregado residencial; Fogo; População; Róis de confessados.

⁴ Investigação desenvolvida no âmbito do projecto «Espaços urbanos: dinâmicas demográficas e sociais (séculos XVI I-XX)», com referência PTDC/HIS-HIS/099228/2008, co-financiado pelo orçamento do programa COMPETE – Programa Operacional Factores de Competitividade na sua componente FEDER e pelo orçamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia na sua componente OE.

1. As fontes – os róis de confessados

Para a freguesia da Sé existem Róis de Confessados que cobrem o século XVIII, desde 1722. Como é sabido este tipo de fonte apresenta os indivíduos reportados a agregados residenciais – fogos. Trabalhámos os róis de 1725 e de 1750. Nem um nem outro referem as idades dos indivíduos arrolados. Ambos apresentam os fogos por ruas, mas apenas o segundo os numera de forma sequencial. Para cada indivíduo, além do nome, são indicados, ainda que de forma irregular, o estado civil, a relação de parentesco ou outra com o indivíduo cabeça do agregado, a ocupação, o tipo de sacramento recebido, o de confissão e comunhão ou somente o da confissão. Um e outro apresentam alguns nomes entrelinhados. No final de cada rol, a título de resumo, são quantificados os fogos e o número de almas, distinguindo o total de indivíduos de confissão e comunhão e dos de confissão somente.

2. A freguesia da Sé no contexto da cidade: alguns dados demográficos

No século XVIII, a freguesia de Sé continuava a ser, das cinco paróquias da cidade de Angra, aquela que se apresentava mais urbana. E era também a mais populosa de todas. Ainda que não se tenha finalizado a reconstituição da cidade para esse século, os dados de que já dispomos para quatro das suas freguesias, nomeadamente os relativos ao movimento dos óbitos, permitem perceber a superioridade numérica dos moradores nesta freguesia em relação às outras freguesias da cidade.

Quadro 1- Angra: óbitos dos maiores de sete anos (1700-1799) -Total e % relativa, por paróquia

Paróquias	Sé		Conceição		S. Bento		Santa Luzia		TOTAL 4 Paróquias	
	Nº óbitos	%	Nº óbitos	%	Nº óbitos	%	Nº óbitos	%	Nº óbitos	%
1700-1799	5711	42,2	4294	31,7	1108	8,2	2427	17,9	13540	100

Fonte: Registos paroquiais - livros de óbitos da Sé, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

De facto, das quatro paróquias consideradas a da Sé apresenta-se como a maior, contando com mais de 42% dos óbitos registados. Segue-se a da Conceição, com cerca

de 32% dos óbitos. Registando-se na de Santa Luzia cerca de 18% e na de S. Bento, a menor de todas, pouco mais de 8% dos óbitos totais.

Recorrendo aos róis de confissão, começamos por apresentar no quadro 2, a intervalos de cerca de cinco anos, os totais de fogos e de almas constantes dos respectivos róis.

Quadro 2- Angra: Freguesia da Sé – número de fogos e de almas

Ano	Nº de fogos	Total de almas	Maiores	Menores
1725	741	3422	3010	412
1731	759	3349	2985	364
1735	699	3171	2896	275
1740	695	3226	2903	323
1745	745	3088	2804	284
1750	673	2865	2616	249

Fonte: Róis de confessados, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

Ao longo deste quarto de século, a freguesia da Sé, considerando os dados do quadro 2, terá registado uma diminuição dos seus efetivos populacionais. Partindo destes dados, procurámos calcular o peso percentual da freguesia da Sé no conjunto da cidade. Essa estimativa consta do quadro 3.

Quadro 3 – Estimativa da % de fogos e de almas da freguesia da Sé em relação à cidade

	Nº de fogos	% de fogos em relação à cidade	Total de almas	% de almas em relação à cidade	Média por fogo
Angra (1695) ^a	2131		7393		3,5
Sé (média 1725-1750) ^b	719	33,7%	3187	43,1%	4,4

Fonte: a – (Gil 1979: 319); b- Estimativa calculada com base nos dados do quadro 2.

Para o século XVIII não há róis de confessados para todas as freguesias da cidade. Assim, admitindo que o peso relativo de cada paróquia no total da cidade não terá sofrido grande alteração ao longo do período que aqui se analisa, 1725-1750, estimou-se a percentagem relativa da Sé por referência ao total de fogos e de almas

conhecido para 1695. Atendendo às oscilações numéricas verificadas nos róis, de um ano para outro, calculou-se, previamente, a média, de fogos e almas, encontrada para o período de 1725-1750 na Sé.

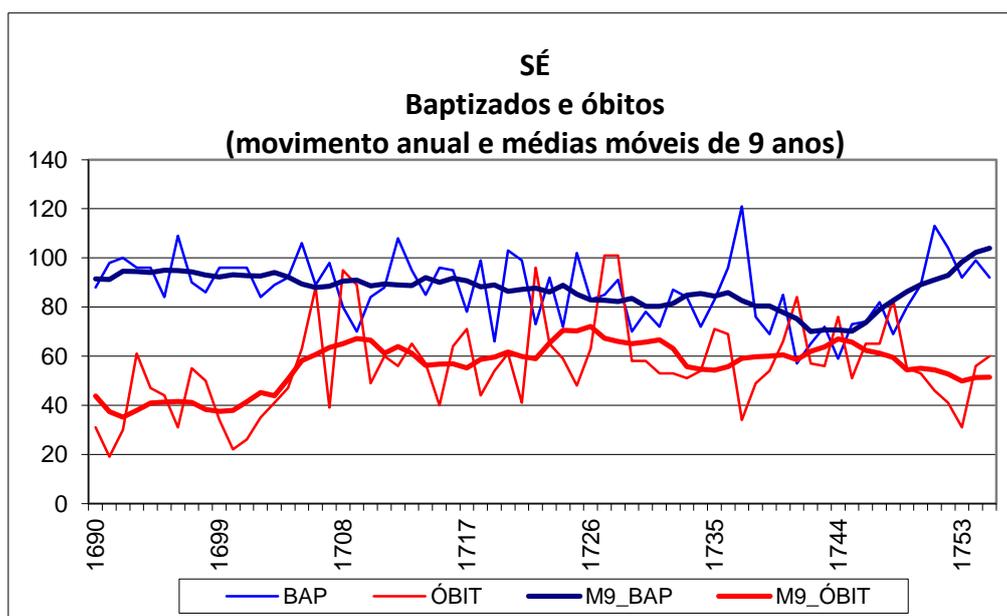
A freguesia da Sé representaria cerca de 34,% dos fogos da cidade e de 43% das suas almas.

A estimativa assim calculada, comparada com a resultante do movimento dos óbitos, aponta para a mesma ordem de grandeza desta freguesia no conjunto da cidade (42,2% dos óbitos e 43,1% das almas, respetivamente). Também a dimensão de cada fogo se apresentava, em média, maior nesta paróquia (a média de 4,4 indivíduos na Sé, no período setecentista aqui considerado, contra 3,5 na cidade nos finais do século XVII).

Seguindo, no quadro 2, a oscilação do número de fogos e de almas, verifica-se que o ano de 1750 é aquele em que os respetivos totais se apresentam menores. Em 1750 estão registadas menos 557 almas do que em 1725. Reflexos de uma população constringida no seu crescimento?

Recorrendo ao número dos baptizados e óbitos, possível a partir dos respectivos registos paroquiais, construámos o gráfico 1, representando o movimento fisiológico da freguesia desde finais do século XVII até meados do século XVIII.

Gráfico 1: Movimento fisiológico na Sé



Fonte: Paroquiais da Sé (livros de batismo e óbito), Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

O movimento dos baptizados e óbitos ao longo da 1.^a metade de setecentos aponta, efetivamente, para uma população constringida no seu crescimento. A tendência, descrita pelas curvas das médias móveis de 9 anos, mostra uma aproximação clara das duas curvas, em resultado de um progressivo declínio dos nascimentos associado a uma elevação da curva dos óbitos.

Num estudo sobre crises de mortalidade nesta cidade e ao longo do século XVIII (Leite e Mesquita 2010), tivemos oportunidade de verificar que a freguesia da Sé, à semelhança do que ocorreu em toda a cidade, foi afetada, por 16 vezes, por anos de sobremortalidades. Dez dessas ocorrências tiveram lugar na primeira metade da centúria. Com graus de intensidade variável (oscilando entre o índice 2 e 4), reportando crises médias, 4 dessas crises foram crises a cavalo, crises que se prolongaram por dois anos consecutivos (1708/1709; 1727/1728; 1740/1741; 1766/1767). Embora não se tenham registado crises catastróficas na cidade, a ocorrência de repetidas crises, ainda que de pequena e média dimensões, influenciou certamente a evolução demográfica desta cidade.

3. Os moradores da freguesia da Sé

A cidade de Angra era o centro de uma burocracia da coroa, tendo aí assento os detentores das jurisdições régias delegadas. O Corregedor da Comarca das Ilhas e o Provedor da Fazenda eram a face mais visível do poder régio nos Açores.

Também o Bispo, o Cabido da Sé, os beneficiados e as colegiadas engrandeciam a cidade e formavam uma importante e rica comunidade eclesiástica, a que se juntavam os Conventos.

A cidade era, ainda, a sede do presídio militar instalado no castelo de São João Baptista e formado por três companhias, artilharia e serviços, incluindo uma igreja e um hospital, com seus quadros de pessoal.

No conjunto das cinco paróquias da cidade só a freguesia da Sé era uma área exclusivamente urbana, de serviços e de comércio, as outras, mesmo a da Conceição que se estendia por um arrabalde de quintas ao norte, eram semi-rurais e com importantes bairros de marítimos e pescadores.

3.1. Agregados domésticos

O que reflectem os róis relativamente aos indivíduos e aos agregados domésticos da freguesia da Sé? Os quadros que se apresentam permitem-nos esclarecer alguns aspetos.

Quadro 4: Indivíduos e fogos segundo os róis de 1725 e 1750

1725				1750			
Indivíduos							
M	F	Total	RM	M	F	Total	RM
1594	1927	3521	83	1240	1625	2865	76
Fogos-cabeça do agregado por sexo							
M	F	Total	% M	M	F	Total	% M
544	197	741	73,4%	459	219	678	67,7%

Fonte: Róis de confessados, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

No quadro 4, a par da diminuição de efetivos de uma data para outra, constata-se, em ambos os anos, que a população feminina se superioriza à população masculina, acentuando-se a desproporção em 1750. Se em 1725 a relação de masculinidade (RM) era de 83, em 1750 só já era de 76. Isto é, a relação de 83 homens por cada 100 mulheres passou, em meados do século, apenas para 76.

Esse acentuar do desequilíbrio entre sexos está também refletido na proporção de agregados que tinham à cabeça homens. A percentagem de 73,4%, no ano de 1725, desce, em 1750, para apenas de 67,7%, como se observa no referido quadro 4.

Seguidamente, no quadro 5, apresenta-se a distribuição dos fogos por sexo e estado civil do cabeça do agregado familiar.

Quadro 5: Cabeça de fogo por estado civil e sexo

		1725		1750	
Total de fogos		741		678	
Estado civil	Sexo	M	F	M	F
	Desconhecido	3,9%	1,2%	6,3%	1,0%
Solteiro		7,8%	5,4%	10,6%	5,6%

Casado	57,9%	7,7%	46,0%	6,2%
Viúvo	3,8%	12,3%	4,7%	19,5%
Total	73,4%	26,6%	67,7%	32,3%

Fonte: cálculos com base nos Róis de confessados, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

Considerando o sexo e o estado civil dos indivíduos que estavam à cabeça do agregado, verificamos que em ambos os anos, com percentagens de 57,9% e de 46% respetivamente, eram os homens casados que em maior proporção ocupavam a posição de chefia. Quando se tratava de solteiros, também era mais comum tratar-se de homens. Nesta comparação dos dois anos em observação, é de salientar o crescimento da percentagem de agregados chefiados por viúvas. A percentagem, não desprezável, de casadas à frente de agregados, diminuindo do ano de 1725 para o de 1750, diz respeito a mulheres cujos maridos são referenciados nos róis como estando ausentes.

Que formas de organização apresentavam os fogos, enquanto agregados domésticos?

Para chegar à estrutura interna dos fogos recenseados nestes róis de confessados, recorreremos à tipologia do Grupo de Cambridge⁵ (quadro 6) com as adaptações que autores como Rowland (1981) lhe têm introduzido adequando-a ao contexto em estudo.

Quadro 6: Estrutura interna dos fogos recenseados nos róis

Tipologia de Cambridge	1725	%	1750	%
1 - Isolados	73	9,9%	115	17,0%
1a - Viúvos (as)	15	2,0%	34	5,0%
1b - Solteiros (as)	53	7,2%	63	9,3%
1c - Estado civil desconhecido	5	0,7%	18	2,7%
2 - Agregados não conjugais	44	5,9%	58	8,6%
2a - irmãos	22	3,0%	31	4,6%
2b - Outros parentes	22	3,0%	27	4,0%

⁵ A proposta de classificação de Laslett (1972) - apresenta cinco categorias principais de agregado doméstico: I- agregados de pessoas sós; II- agregados de várias pessoas sem estrutura conjugal; III - agregados de famílias simples (casais sem filhos, casais com filhos, pessoas a viver com filhos); IV - agregados de famílias simples alargadas (famílias simples a viver com outras pessoas); V - agregados de famílias múltiplas (duas ou mais famílias simples a viver no mesmo domicílio).

3 - Agregados simples	412	55,6%	364	53,7%
3a - Casal sem filhos	142	19,2%	119	17,6%
3b - Casal com filhos	203	27,4%	159	23,5%
3c - Viúvos com filhos	13	1,8%	17	2,5%
3d - viúvas com filhos	50	6,7%	68	10,0%
3e - Solteiras com filhos	4	0,5%	1	0,1%
4 - Agregados alargados	147	19,8%	105	15,5%
4a - Alargamento ascendente	40	5,4%	27	4,0%
4b - Alargamento descendente	39	5,3%	27	4,0%
4c - Alargamento colateral	44	5,9%	36	5,3%
4d - Combinações 4a-4c	14	1,9%	10	1,5%
4e - Alargamento ascendente e descendente	3	0,4%	3	0,4%
4f - alargamento colateral e descendente	7	0,9%	2	0,3%
5 - Agregados múltiplos	17	2,3%	18	2,7%
5a - Unidade secundária ascendente	0	0,0%		0,0%
5b(i) - Unidade secundária descendente masculina	1	0,1%	3	0,4%
5b(ii) - Unidade secundária descendente feminina	4	0,5%	4	0,6%
5c - Unidade secundária lateral	0	0,0%	0	0,0%
5d - Frèreche	0	0,0%	0	0,0%
5e - Outras combinações	12	1,6%	11	1,6%
6 - Indeterminados	47	6,3%	18	2,7%
6a - Inclui unidade secundária	22	3,0%	7	1,0%
6b - Sem unidade familiar aparente	25	3,4%	11	1,6%
Total	741	100,0%	678	100,0%

Fonte: Róis de confessados, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

Observando este quadro, ressalta o facto de a maioria dos agregados se estabelecer com base em laços de parentesco. Em 55,6% dos casos, em 1725 e 53,7% em 1750 eram agregados simples. Nestas percentagens é de salientar a importância dos agregados cuja constituição tinha na base uma relação de conjugalidade. Além dos agregados em que estão os dois cônjuges, é significativa a percentagem de viúvas com filhos. Note-se que é bastante superior à dos viúvos. As solteiras sem filhos são, no entanto, uma percentagem muito baixa, menos de 1%. Nesta categoria de agregados, a classe 3a – casal sem filhos- exige uma leitura crítica. As percentagens apresentadas

estão certamente sobrevalorizadas pela inclusão de casais com filhos menores de sete anos que o rol não recenseava. Outra forma de agregação significativa é a dos agregados alargados, em que agregados simples fundados nas relações de conjugalidade acolhem outros membros com quem têm uma relação de parentesco (mãe/pai, sogros, tios, primos, sobrinhos, irmãos, cunhados...). Tanto o ano de 1725, com 19,8%, como o de 1750, com 15,5%, mostram que estas estruturas familiares teriam um peso bastante mais importante na Sé de Angra do que na freguesia da Oliveira, em Guimarães onde, no ano de 1745, representavam 9,7% dos agregados arrolados (Scott, 1999:249).

No geral, pese embora a variação percentual, os agregados domésticos seguem o mesmo padrão de organização em ambos os anos.

Com uma média de 4,6 e 4,3 habitantes por fogo em 1725 e 1750, respetivamente, como se distribuíam os fogos atendendo ao número de indivíduos que coabitavam no mesmo agregado? Observe-se o quadro 7.

Quadro 7: Número de indivíduos por fogo

Nº de Indivíduos por fogo	1725		1750	
	Fogos	%	Fogos	%
1	29	3,9%	53	7,8%
2	135	18,2%	140	20,6%
3	124	16,7%	141	20,8%
4	126	17,0%	106	15,6%
5	106	14,3%	86	12,7%
6	74	10,0%	51	7,5%
7	48	6,5%	32	4,7%
8	34	4,6%	26	3,8%
9	18	2,4%	12	1,8%
10	13	1,8%	6	0,9%
11	12	1,6%	9	1,3%
12	7	0,9%	7	1,0%
13	2	0,3%	3	0,4%
14	4	0,5%	2	0,3%
15+	10	1,3%	4	0,6%

Total	742	100%	678	100%
Máximo	27		22	
> 10	35	4,7%	25	3,7%
Fogos >10: Total indivíduos e % em relação ao total população	471	13,4%	323	11,3%

Fonte: cálculos com base nos Róis de confessados, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

Este quadro revela-nos que os fogos compostos por dois, três, quatro ou cinco indivíduos apresentam as maiores percentagens relativas. Em relação aos agregados de dois indivíduos é necessária a mesma leitura crítica que se apresentou para os agregados simples, de casais sem filhos.

Verifica-se também que os agregados extensos, os que têm mais de 10 membros, representando 4,7% do total de fogos, reuniam 13,4% do total de indivíduos em 1725, valores que se apresentam mais baixos em 1750, pois neste ano eram só 3,7% dos fogos e reunindo 11,3% dos indivíduos. Já os fogos singulares, tendo expressão numérica, registam uma elevação da sua importância percentual em 1750.

3.2. Grupos socioprofissionais

Os róis contêm informações relativas à ocupação e à condição social dos fregueses. São informações que não aparecem de forma sistemática. Mesmo assim, consideramos importante ver que estrutura social e profissional se poderia esboçar para a freguesia, a partir destas fontes. Para isso, calculou-se a amostra de indivíduos com profissão mencionada e que se apresenta no quadro 8.

Quadro 8: Amostra de indivíduos com profissão

	1725	1750
a) Total Indivíduos	3521	2865
b) Total de indivíduos maiores	3010	2616
Indivíduos com profissão em relação a a) e b)	1270 36,1% a) 42,2% b)	1118 39,0% a) 42,7% b)

Fonte: cálculos com base nos Róis de confessados, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

Calcularam-se duas amostras. Uma considerando o total de indivíduos e outra subtraindo-lhe o total de menores de confissão. Como se vê no quadro 8, os indivíduos com indicação da respetiva ocupação corresponde a 36,9% ou 42,2% em 1725 e em 1750 a 39% ou 42,7% do total de indivíduos conforme se considere, ou não, o número dos menores de confissão. Com qualquer das percentagens tratar-se de uma amostra que consideramos representativa.

Dada a variedade de ocupações mencionadas, começamos por organizá-las por setor de atividade, construindo o quadro 9.

Quadro 9: Profissões por sector de atividade

Sector de atividade	1725						1750					
	F		M		Total		F		M		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Primário	1	0,1	12	0,9	13	1			28	2,5	28	2,5
Atividades do mar			13	1	13	1			20	1,8	20	1,8
Secundário			83	6,5	83	6,5			64	5,7	64	5,7
Terciário			24	1,9	24	1,9	1	0,1	47	4,2	48	4,3
Militar			47	3,7	47	3,7			36	3,2	36	3,2
Religioso			84	6,6	84	6,6			84	7,5	84	7,5
Ensino			6	0,5	6	0,5			6	0,5	6	0,5
Saúde			1	0,1	1	0,1			4	0,4	4	0,4
Criados/Assistentes e outros domésticos	407	32	422	33,2	829	65,3	377	33,7	340	30,4	717	64,1
Escravos	86	6,8	77	6,1	163	12,8	56	5	47	4,2	103	9,2
Administração central			2	0,2	2	0,2			1	0,1	1	0,1
Administração local			5	0,4	5	0,4			7	0,6	7	0,6
Totais	494	38,9	776	61,1	1270	100	434	38,8	684	61,2	1118	100

Fonte: cálculos com base nos Róis de confessados, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

No conjunto de todas as ocupações chama a atenção, nos dois anos, a elevada percentagem dos serviços domésticos, com mais de 65% e 64%. Em ambos os anos

mais de 60% das profissões conhecidas são masculinas. As profissões femininas apontadas reduzem-se, em ambos os anos, a escravas e sobretudo a ocupações domésticas, como criadas, assistentes, amas e até uma aia.

Entre as profissões masculinas, são também os serviços domésticos que mais indivíduos ocupam, em percentagens superiores aos 30%. Além dos domésticos, os escravos, sendo menos em 1750, mantêm uma percentagem semelhante à do sector religioso e à do sector secundário. No sector religioso, não estando incluído o clero regular, as percentagens de 6,6% e 7,5% são reveladoras da importância deste segmento da população nesta freguesia, sede do bispado dos Açores.

Também a percentagem de militares, de 3,7% e de 3,2%, é importante, sobretudo porque correspondem a titulares da hierarquia militar, nomeadamente governador, capitães, capitão-mor, sargento, sargento-mor, alferes, tenente e condestável.

Relativamente aos escravos e domésticos importa, ainda, conhecer a sua distribuição e ou concentração pelos fogos.

Quadro 10: Escravos e domésticos

	1725	1750
Total de fogos	741	678
Total de fogos com domésticos	406 (54,8%)	340 (45,9%)
Total de domésticos	809	691
Média de domésticos / 100 habitantes	23	19,6
Total de fogos com escravos	85 (11,5%)	57 (7,7%)
Total de escravos	162	103
Média de escravos / 100 habitantes	4,6	2,9

Fonte: cálculos com base nos Róis de confessados, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

Cerca de 55% dos fogos em 1725 e de 46% em 1750 contavam com a presença de domésticos, perfazendo uma média de 23 domésticos por 100 habitantes em 1725 e de cerca de 20 domésticos em meados do século.

Os escravos encontravam-se em cerca de 12% e de 8% dos fogos, em uma e outra data, correspondendo a uma média de, aproximadamente, 5 e 3 escravos por 100 habitantes, respetivamente.

Tanto o rácio de criados como o de escravos remetem para uma população dominada por detentores de uma elevada posição socioeconómica.

Assim, procuramos fazer uma aproximação à importância relativa dos detentores de títulos e cargos no conjunto da população desta paróquia.

Encontramos detentores de cargos civis, ligados à administração central e local, tais como desembargador, escrivão, corregedor, provedor, porteiro da alfândega, meirinho e escrivão. Como titulares eclesiásticos, viviam nesta paróquia, o bispo (em 1725), o arcediogo, o deão, o chantre, o provisor e um conjunto de cónegos e beneficiados. Com cargos militares, aqui residiam o governador, capitães-mor, sargento-mor, alcaide e condestável. Havia os letrados, doutores e licenciados e ainda uma elite, reduzida em número, a quem era atribuído o distintivo tratamento social de *dom* e *dona*. Qual seria o peso deste sector tanto restrito no conjunto da população da freguesia da Sé?

No quadro 11 apresentamos alguns dados relativos aos fogos onde se encontravam indivíduos que tinham tratamento de *dom* ou *dona*.

Quadro 11: Fogos com *Dom* e *dona*

<i>Dona/ Dom</i>	1725					1750				
	Total	S	[i]	C	V	Total	S	[i]	C	V
Nº total <i>Dona</i>	142					143				
<i>Dona</i> Cabeça de fogo	15	1	1	2	11	21	2		1	18
Nº de fogos com donas	70					79				
Nº total <i>Dom</i>	8		5	3		7	2	2	2	1
<i>Dom</i> Cabeça de fogo	3			3		5	2		2	1
Nº de fogos com <i>dom</i>	3					5				
Nº de fogos com <i>dom</i> e <i>dona</i>	72	9,7% do total de fogos				88	13% do total de fogos			

Total de indivíduos neste tipo de fogos	643	18,3% do total da Sé	Média indivíduos por fogo 8,9	624	21,3% do total da Sé	Média indivíduos por fogo 7,1
Domésticos neste tipo de fogos	244	37,9 por 100 habitantes		260	41,7 por 100 habitantes	
Escravos neste tipo de fogos	55	8,6 por 100 habitantes		41	6,6 por 100 habitantes	

Fonte: cálculos com base nos Róis de confessados, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

Este quadro mostra-nos o quão restrita era esta forma de tratamento. Pouco mais de 140 *donas*, em uma e outra data. E menos de uma dezena de *dom*. Havendo 70 fogos em 1725 e 79 em 1750 com *donas*, havia na primeira data apenas 3 fogos com *dom* e 5 no ano de 1750. Se considerarmos todos os agregados em que há *dom* e *dona* o seu número é de 72 em 1725 e de 88 em 1750, representando respetivamente 9,7% e 13% do total dos fogos registados.

É possível, com base nestes dados apontar algumas particularidades deste segmento da população da Sé. Os seus agregados têm mais indivíduos, pois a média geral de 4,8 indivíduos por fogo em 1725 sobe para 8,9 indivíduos e em 1750 passa de 4,2 para 7,1 indivíduos. Em média, também eram os agregados de *dom* e *dona* que mais criadagem e escravos albergavam. Os 23 e os 19,6 domésticos por 100 habitantes, calculados para 1725 e 1750, chegam nessas datas a 37,9 e 41,7 respetivamente, se apenas considerarmos os agregados desta pequena elite. Relativamente aos escravos essa relação altera-se, passando de 4,6 e 2,9, nessas datas, para 8,6 e 6,6 escravos por 100 habitantes, respectivamente.

Notas finais

É possível a partir dos róis de confessados, pese embora as limitações que aqui foram sendo apontadas, encontrar indicadores caracterizadores quer das estruturas dos agregados residenciais, quer dos grupos socioprofissionais.

O fogo, pelo que observamos, podia corresponder a realidades distintas. Sendo agregado residencial, nem sempre era um ou apenas um agregado familiar, pois se encontramos fogos em que coabitavam somente indivíduos unidos por algum laço de parentesco, geralmente os agregados continham também indivíduos sem relação de

parentesco e havia mesmo fogos que agregavam apenas indivíduos sem qualquer parentesco entre si.

Susceptível de outro nível de aprofundamento, impõe-se dar continuidade ao tratamento dos róis para os anos seguintes àqueles que aqui apresentamos e prosseguir um trabalho aturado de cruzamento de fontes, potenciando a base de dados resultante da reconstituição de paróquias.

Anexos

Profissões mencionadas nos róis

1725		1750	
Profissões	Nº de obs.	Profissões	Nº de obs.
ajudante	2	aia	1
alfaiate	14	ajudante	2
alferes	9	alcaide	1
aljubeiro	1	alfaiate	11
ama	17	alferes	8
Arcediago	1	aljubeiro	1
assistente	181	ama	18
barbeiro	3	assistente	170
beneficiado	2	barbeiro	9
Bispo	1	boticário	3
boticário	1	cabeleireiro	1
caixeiro	1	caixeiro	1
caldeireiro	1	capitão	12
campainha	1	capitão de artilharia	1
capelão	1	capitão tenente	1
capelão da Sé	1	carpinteiro	5
capitão	8	celeiro	3
capitão-mor	1	Chantre, doutor	1
carpinteiro	4	Cirieiro	1
conde	1	condestável	1
condestável	2	cónego	10
conego	1	criada	252
cónego	8	criado	270
corneteiro	1	desembargador	1
criada	283	doutor	7
criado	345	doutor arcediago	1
Deão Doutor	1	escrava	56
doutor	9	escravo	47

doutor beneficiado confirmado	1	Escrevente	1
Doutor corregedor	1	escrivão	2
doutor provedor	1	esteireiro	2
escrava	87	estudante	1
escravo	75	fragueiro	1
escrivão	1	hospitaleiro	1
escultor	2	licenciado	4
esteireiro	3	marceneiro	1
estudante	4	mariante	11
ferreiro	3	mercador	7
governador	1	ourives	5
guarda	1	padre	53
hospitaleiro	2	padre	1
imaginário	1	padre beneficiado	8
marceneiro	1	padre capelão	4
mareante	1	padre mestre de capela	1
mariante	7	padre reitor	2
Meirinho	1	pajem	5
mercador	1	pedreiro	1
mestre barbeiro	1	pescador	6
mestre da capela	1	piloto	3
mestre escola	1	pintor	3
moleiro	1	porteiro	1
ourives	3	procurador	4
padre	61	procurador?	1
padre capelão	1	reitor	1
padre cura	3	reverendo beneficiado	1
pajem	4	sapateiro	23
pastor	1	sargento	4
pedreiro	3	sargento-mor	1
peneireiro	1	serralheiro	4
pescador	4	soldado	6
piloto	1	sombreireiro	1
pintor	4	tanoeiro	7
porteiro	2	tenente	1
porteiro da alfândega	1	tesoureiro-mor	1
reverendo beneficiado	1	torneiro	1
reverendo padre	2	trabalhador	28
reverendo provisor	1	vendedor	1
sapateiro	26	vendeiro	13
sargento	6	violeiro	1
sargento-mor	2	Total Geral	1118
seleiro	2		

serralheiro	2
soldado	12
soldado?	1
sombreireiro	1
tanoeiro	11
torneiro	2
trabalhador	10
trabalhador?	1
vendeiro	3
Total Geral	1271

Bibliografia

AMORIM, M. Norberta B. (1991) - *Uma metodologia de reconstituição de paróquias*. Braga: Universidade do Minho

DRUMOND, Francisco Ferreira (1990) - *Apontamentos Topográficos, Políticos, Civis e Eclesiásticos para a História das nove Ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira*, com estudo introdutório, fixação do texto e índices de José Guilherme Reis Leite. Angra do Heroísmo: IHIT.

GIL, Maria Olímpia da Rocha (1979) - *O Arquipélago dos Açores no Século XVII: Aspectos Socio-económicos: 1575-1675*, edição de autor, Castelo Branco.

LASLETT, Peter e E.A. HAMMEL (1974) – *Comparing Household Structures Over Time and Between Cultures*. «Comparative Studies in Society and History», XVI: 1, University of California, p. 73-109.

LEITE, José Guilherme Reis e MESQUITA, Maria Hermínia Morais (2010) - Mortalidade em Angra no século XVIII (uma abordagem a partir dos registos de óbito). Comunicação apresentada no IX Congresso da Associação de Demografia Histórica, Ponta Delgada, 17 a 19 de Junho de 2010

MESQUITA, Maria Hermínia Morais (2009) – *Crises de Mortalidade em Angra nos séculos XVII e XVIII: sua identificação a partir dos registos de óbito*, Actas do IV Congresso Histórico de Guimarães "Do Absolutismo ao Liberalismo", Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, p. 389 – 406.

RIBEIRO, Luís da Silva (1983) - *Obras II História*, IHIT, SREC: Angra do Heroísmo.

ROWLAND, Robert (1981) – *Âncora e Montaria; 1827: duas freguesias do Noroeste segundo os livros das Companhias de Ordenanças*. «Perspectivas sobre o Norte de Portugal», 2-3. Porto: *Studium Generale*, p. 199-242.

SCOTT, Ana Sílvia Volpi (1999) – *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (séculos XVIII e XIX)*. Guimarães: NEPS.

Fontes

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DE ANGRA DO HEROÍSMO (BPAAH) -

Registo Paroquial, Angra

Freguesia da Sé:

Óbitos – Livro 7 (6-Jan-1678 a 11-Jul-1702); Livro 8 (11-Jul-1702 a 15-Abr-1731);
Livro 9 (23-Abr-1731 a 10-Jan-1750); Livro 10 (20-Jan-1750 a 21-Nov-
1777); Livro 11 (30-Nov-1777 a 16-Dez-1788); Livro 12 (23-Nov-1788 a 31-
Mai-1799); Livro 13 (1-Jun-1799 a 2-Jan-1819)